Fabiane Guimarães

Apague a luz se for chorar

ALFAGUARA

Material com direitos autorais

Cecília

Eles disseram: "você é forte, Cecília, sabemos que dará conta disso tudo sozinha, desta vez não haverá patê de frango com maionese, biscoitos de queijo e xícaras de café soterrado de açúcar, desta vez será um funeral modesto, com pouca gente para alimentar". Esta minha família (ou o que sobrou dela) se recusou a comparecer. Aquela gente que só se reunia nos natais, depois passou a se encontrar nos enterros e agora não se vê nunca mais. Eles não queriam se deslocar até Pirenópolis para chorar por dois membros honoráveis, os mais antigos, dessa sociedade de sangue. Ninguém gosta de cidades distantes. Nem de considerações predestinadas por genética.

Deu tudo errado para chegar lá, para começo de conversa. O voo atrasou, cheguei a Brasília debaixo de um pé-d'água, o carro alugado não tinha desembaçador. Foram quase duas horas de viagem, o mundo se acabava — é assim, não chove nunca no deserto, mas quando chove é para provar que as coisas que você mais deseja destroem você. Eu estava cega, provavelmente trafegando em plena rodovia a uns trinta quilômetros por hora, com a janela meio aberta espirrando gotas geladas na minha cara. Tinha água até dentro dos meus olhos.

Mas segui em frente, porque é o que a gente faz quando não sabe o que fazer. Chegou a um ponto em que eu não entendia mais se estava chorando pela morte de meus pais ou porque sentia uma culpa corrosiva de não ter estado lá para me despedir do jeito mais apropriado.

Material com direitos autorais

Faria, em breve, seis anos que eu resolvera me mudar para o Rio de Janeiro. Por causa de um coração partido, tinha abandonado um emprego de veterinária (não um emprego muito bom, mas um emprego) e fugido de tudo. "Mas lá é tão violento, cheio de favela e bandido", minha mãe comentara na época, com os olhos azuis maravilhosos, que eu não herdei, arregalados. "Você nem sabe nadar", foi o ponto do pai, que odiava o litoral por pura falta de afinidade com o oceano. Eu devia ter ficado, com meus bichos e meu amor retaliado, devia ter cuidado dos meus velhinhos. "Não lembro a última coisa que eles me disseram", resmunguei ao telefone para minha melhor amiga, depois de abastecer o carro, na altura de Corumbá.

"E isso tem importância?", respondeu ela.

"Claro que tem", exclamei de volta. Você precisa se lembrar das últimas palavras das pessoas que morrem, para ter isso como um medalhão, daqueles que você exibe com orgulho na memória. Mesmo que tenha sido algo banal como: você comeu direito? Ou: não se esqueça de levar as suas roupas para a lavanderia. Conhecendo meus pais, certeza que pode ter sido qualquer coisa assim. Eu só queria ter dito que comi até explodir e separei minhas blusas conforme a cor. Para fazê-los felizes, nem que fosse por alguns minutos, não apenas incomodados com o meu desleixo, a minha falta de coragem e o meu orgulho desmedido pelas coisas que não fui capaz de fazer. Que nunca serei capaz de fazer.

Contaram que eles morreram felizes porque estavam juntos. Lado a lado, de mãos dadas, com cabras alvoroçando-se no quintal — fizeram a passagem ao entardecer, dormindo, duas paradas cardíacas quase simultâneas. Depois de cinquenta anos de casados, os dois me deixaram ao mesmo tempo. Achei injusto. Era como se eles tivessem desistido de mim. Eu queria gritar e chorar e bater o pé, como a criança mimada que fui, mas não podia, porque quem comprava as minhas crises e amava os meus defeitos tinha acabado de partir para um lugar inacessível. Não deu tempo nem de retocar a maquiagem, tão logo entrei na cidade em

Material com direitos autorais

miniatura onde eles quiseram permanecer para sempre. Era preciso me encontrar com o agente funerário, pagar a conta, resolver o cardápio de lanches insossos. Tudo dentro de uma cápsula de turismo temporal: ruas de paralelepípedos, postes e pontes do século passado.

O dono da funerária não foi nem um pouco delicado. Estava apreensivo e agitado, ninguém morria havia tempos, dizia mil coisas enquanto eu tropeçava nos meus sapatos de salto, inadequados, obviamente, para aquela cidade de vielas tortuosas. Levou-me ao seu pequeno necrotério. Estavam lá, meu pai e minha mãe, nus em gavetas — era a última vez que eu os veria, mal assimilei a consistência amarela de seus corpos e o moço calvo continuava a perguntar se eu preferia mogno ou carvalho. Para o caixão. "A senhorita já se decidiu?"

"Está tudo bem, Dom, eu cuido dela", sussurrou alguém, quando eu estava prestes a vomitar de desespero.

Era uma senhora negra, com os cabelos brancos presos em um coque e as mãos escuras texturizadas. Seus olhinhos rasgados estavam vermelhos e transbordantes de tristeza. Não perguntei quem era, não quis me fazer de forte, apenas aceitei o abraço que ela oferecia de graça. Chorei sem parar, aspirando sem querer o seu cheiro de hortelã. Eu não chorava assim nos braços de um estranho havia muito, muito tempo.

"Pode chorar, minha filha. Chorar faz bem", ela comentava, dando palmadinhas nas minhas costas.

"A senhora me desculpe", disse, quando consegui recobrar o fôlego.

Ela sorriu, acenando em um sinal claro de que eu não precisava explicar.

"Você quer botar a roupa neles? Ou quer que eu faça?"

Senti que seria um impropério não conseguir vestir meus próprios pais. Pois bem: não consegui. Até tentei. Mas peguei o vestido branco que reservaram para minha mãe e me lembrei de como ela odiava aquela saia acima do joelho — "meus joelhos são tão carnudos, você teve a sorte de puxar o joelho do seu pai, Cecília, não que alguém repare neles, não é

Material com direitos autorais

mesmo? Joelhos são o umbigo da perna", dizia, para depois se contorcer na melhor gargalhada do mundo. E o terno de papai, bem engomado e azul, com aquela gravata cinzenta horrorosa, o tecido já embolorado de velhice. "Usei gravata a minha vida inteira", ele gostava de dizer, "para ficar me enforcando à toa." "Só uso gravata agora no dia em que você se casar de novo."

Nunca me casei de novo.

Eu também não acreditava em Deus, odiava música sertaneja, não dançava forró, estava desempregada e era vegetariana.

"Eu os decepcionei de tantas maneiras", desabafei para a velhinha, sentada no chão do corredor, quando ela terminou a missão que devia ter sido minha. "Não fui a filha que eles queriam."

"Bobagem, menina. Sou amiga da sua mãe desde que eles vieram pra cá. Ela sempre falava de você com muito gosto."

"Eles me amavam tanto. Não dei nada em troca."

"Pai e mãe não pedem isso."

O nome dela era Luzia, era a costureira e vizinha que me ligara na véspera, a mulher que desconfiara do silêncio do outro lado do muro. Fui descobrir tudo isso só ao fim do serviço — surpreendentemente lotado. Só me dei conta da bondade dos meus pais quando vi uma fila enorme de desconhecidos se formar no funeral para vir prestar as condolências, com abraços apertados e palavras de afeto. Nenhum de seus familiares quis viajar, mas centenas de pessoas que só os conheciam por alguns anos fizeram questão de relembrá-los. "Sua mãe era uma santa", dizia uma moça grávida, "por causa dela vou batizar minha filha de Margarete." Houve até quem me trouxesse pequenos doces em formato de passarinho, pombos minúsculos moldados em açúcar, que me disseram ter o gosto do espírito santo.

No fim, enquanto desciam os caixões para as covas rasas no cemitério minúsculo, senti que não tinha sido uma injustiça tão grande assim. Morrerem juntos. Eles não haviam me abandonado. Tinham apenas

Material com direitos autorais

feito valer um voto secular de amor que eu jamais seria capaz de entender.

"Eu nem sei como agradecer toda a ajuda que a senhora me deu hoje", falei para a dona Luzia, que ficou para me guiar até um lugar seguro, passado o furacão. Enrolando-se no xale pesado de lã que levava a tiracolo, ela parecia curiosa de um jeito meio tímido, quase constrangido.

"Por que não veio ninguém com você?", questionou.

Fiquei com vergonha de admitir a falta de consideração.

"Não puderam."

"E aquele seu primo?"

"Que primo?"

"O que estava vindo visitar eles, tinha dias."

Demorei a assimilar a questão. Achei que ela estivesse confusa e endurecida por dentro, como eu.

"Eu não tenho nenhum primo, dona Luzia. Só primas. Distantes."

"Tem sim. Foi sua mãe que me disse. Que era sobrinho dela."

"Do que a senhora está falando?"

Então, veio a desconfiança.

Material com direitos autorais

João

"É um gato", atestou a recepcionista, cochichando baixinho no balcão para a nova professora de hidroginástica. "E é pai solteiro."

Fernanda examinou cuidadosamente o sujeito que deixava os vestiários. Um sujeito de pele castanha, forte, que parecia ter sido talhado em madeira. Irregular e, por isso mesmo, hipnotizante. Depois, seus olhos correram para o que chamava ainda mais atenção. Nos braços, a criatura frágil e disforme — um menino de ossos curvos, de olhos vivos. "Aquele é o Adam, o coitadinho tem paralisia cerebral", informou a recepcionista, usando o tom de quem encontra um defeito no produto exposto na vitrine. "Ele é tão devotado a esse garoto que eu vou te contar."

Apanhando o apito e a touca de natação, a professora ignorou os comentários. Era seu primeiro dia, não estava em busca de um namorado. Ao encontro do novo aluno, na borda da piscina, sentiu a pena espremer seu coração de uma maneira incontrolável. No colo do pai, o menino piscava descontroladamente e deixava escorrer saliva pelo queixo.

"Bom dia. Meu nome é Fernanda. Sou a nova instrutora", esclareceu.

Ele a olhou com estranheza, um pouco de alheamento e talvez cansaço.

"João. Eu tenho que entrar na água com ele, é claro."

"Tudo bem."

Material com direitos autorais

Adam devia ter quatro ou cinco anos. Era um menino franzino, de cabelos cacheados rarefeitos e aqueles olhos, destruidores, que atiravam desconforto a todos que estavam lúcidos. Usava, no corpo magrelo e contorcido, uma sunga com estampa de desenho animado. A academia não ficava exatamente perto de onde moravam, mas o pai se esforçava nas tentativas de socializá-lo, já eram conhecidos dos outros colegas — velhinhos, em suma, que paparicavam Adam como se o garoto conseguisse entender a mecânica das brincadeiras. Não, ele não conseguia. Era um vegetal ambulante, como bem definira a mãe, no ato do abandono. Um vegetal que adorava o toque na água, quando João descia com ele, até o meio, boiando na imensidão azul e vagarosa, em que os sons eram filtrados e límpidos e não doía se mover.

Muitos anos de conflito lapidaram aquele "homem perfeito". Nem sempre fora assim. Ter que lidar com um filho com uma grave deficiência, aos trinta anos, era uma responsabilidade da qual preferia se desfazer, no começo, por pura falta de traquejo. Deixava o menino ao encargo de sua própria mãe, uma aposentada com tempo de sobra e coração de menos. Chegou o dia em que até ela fora embora, avisando "cuida dele, que é seu, vou para um cruzeiro, não me procure mais". Com o bebê imóvel nos braços, João se questionara: e agora?

A mãe do menino era uma vagabunda, ele se revoltava. Vadia sem coração para deixar aquele moleque inútil nas suas costas. Ele, um veterinário miserável que ganhava dinheiro matando cachorros e gatos — sacrificava os bichinhos condenados dia após dia, no centro de zoonoses, trabalho de controle populacional de animais de rua, essas coisas. As mãos chegavam em casa pesadas de morte e logo assinavam o cheque para a babá-enfermeira do dia. "A mamadeira dele está ali, dê com cuidado", avisava a senhorinha de branco, mais mãe do que a mãe. "Ele pode se engasgar."

O remorso assombrava quando João se lembrava do que costumava sentir, em uma daquelas noites em que comparava os cachorros de rua ao

Material com direitos autorais

filho — os cachorros da zoonoses, pelo menos, latiam. A mão peluda e grande, segurando a mamadeira, às vezes tremia. O que aconteceria se eu deixasse que o leite se acumulasse na garganta atrofiada, fosse parar no pulmão, escorresse pela boca sem controle? Ele pode se engasgar.

Adam era um cachorrinho sarnento sem consciência. Não sentiria dor, não sentiria nada, seria rápido e João estaria livre. O veterinário, contudo, interrompia-se no ato, atirando a mamadeira pela metade na parede e chorando, chorando compulsivamente enquanto abraçava o garoto que gemia, sentindo-se culpado. Parecia que sua vida era um ritual de culpas.

Desde então aprendera que, no que se tratava do seu filho em particular, as recompensas eram um pouco menos ambiciosas que no caso das demais crianças. Enquanto os outros pais se inchavam de orgulho ao ver as crias engatinhando e, posteriormente, ensaiando as primeiras palavras, João sentia vontade de gritar para o mundo quando Adam conseguia sorrir.

O veterinário queria mais, entretanto. Havia acabado de descobrir, com a sessão de fisioterapia e tantas outras que praticava no Hospital Sarah Kubitschek, que o filho tinha alma. Dava para vê-la às vezes, quando estavam adormecendo juntos na cama e os olhos claros do menino, estrábicos e descontrolados, pousavam no pai que o vigiava. Era a ternura, e o agradecimento, no rosto que não podia ser lido.

Tinha que haver um jeito de tirá-lo dali, de dentro de si mesmo. Não pensava em outra coisa, pesquisava opções de tratamento. Havia um. Na China, com especialistas em células-tronco. Custava o dinheiro que ele não tinha. Ainda.

"Ele nasceu assim...?", a nova professora perguntou, ao final da aula, ligeiramente constrangida.

João não tinha problemas com isso.

"Nasceu assim", respondeu. "Estou atrasado para o trabalho, me desculpe."

Material com direitos autorais

Deixou a academia com a bolsa atravessada nos ombros, empurrando a cadeira de rodas onde, desmontado debaixo do cinto de segurança, Adam o reprovava serenamente. Eu não vou fazer sexo nunca mais, concluía João. O sinal fechou. Correu para apanhar o ônibus.

Naquele dia, mataria uma remessa nova de cinco cachorros e três gatos.

Material com direitos autorais

Cecília

O agente funerário veio me entregar a chave da casinha azul, mera formalidade, já que ninguém se dera ao trabalho de trancar nada. Eles morreram de portas abertas, como sinal de cortesia à vizinhança. Ciente de que me movimentar era um esforço que amortecia todo aquele desespero, comecei a escancarar as janelas de madeira, abrindo a sala com enfeites de crochê para a rua, espanando o pó dos móveis.

Minha última visita tinha acontecido havia cinco, seis meses. Eu reclamava de não conseguir espaço na agenda (que não era de todo cheia) para desbravar tantas horas de estrada. Não dava para se esconder em um lugar que tivesse aeroporto? "Ah, minha filha", meu pai resmungava, "achamos bom morar aqui. O tempo passa na mesma velocidade que a gente."

Eles eram, os dois, servidores públicos aposentados, história de amor construída em corredores de banco. A minha infância inteira moramos em uma das quadras mais tradicionais da Asa Sul, em prédios de pilotis e cobogós, o quintal forrado de ipês e cigarras. Encantaram-se pela cidadezinha goiana em uma de suas muitas expedições. Anunciaram, sem cerimônias, que estavam voltando para casa: haviam encontrado o lugar perfeito. Nunca entendi esse cansaço da civilização e nem me preocupei com o fato de que, aos oitenta anos, era meio perigoso se isolar.

A cama onde foram encontrados estava desfeita. Do lado direito da cabeceira, permanecia o cilindro de oxigênio de meu pai, à espera de um

Material com direitos autorais

pulmão. Do lado da minha mãe, um copo de água e um exemplar da Bíblia. Radiografia das coisas que os destruíam — respiração insuficiente e fé inabalável.

Eu me lembro das vezes em que meu pai fumava, sem parar, na janela de casa, trocando um cigarro pelo outro, às vezes sem tirá-los da boca. Perguntei uma vez, na cama do hospital em uma de suas tantas crises, se ele se arrependia. "Todo mundo morre", ele disse, "sorte a minha que engarrafaram oxigênio." O ar parado de Goiás, da cidade turística e secular, parecia ter feito bem: havia tempos estava curado e nem o médico acreditou que duraria tanto assim. "Sou duro na queda. Não sei mais respirar, mas ainda estou de pé." Ele nunca dizia a palavra câncer, era um homem de eufemismos eternos. Costumava chamar de meu *pequeno probleminha*, a *doença*.

Mamãe, porém, sofria de males menos eloquentes e, ainda assim, mais assustadores. Diabetes e hipertensão arterial, como a montanha de pílulas no armário do banheiro denunciava. Conservara-se rechonchuda e rosada a vida inteira, mesmo que comer já não fosse um privilégio possível. Quando ficava brava com alguém, logo passava a dizer, com aquela risada gostosa: "você me perdoe a indelicadeza, é que estou com fome".

Eles me tiveram de surpresa. Fui da safra dos bebês inesperados e tardios. Na vizinhança, todos pensavam que o casal composto pelo Raul e pela Margarete seria para sempre dois. Em vez da menopausa, cheguei. Milagre divino, como minha mãe costumava dizer. Um tratamento de fertilidade que demorou anos a surtir efeito, eu preferia pensar. Desde os oito anos, vivia aterrorizada pelo momento em que um deles partiria, me deixaria com o outro e a solidão imensa, porque uma vida inteira conjunta não se sustenta sem uma das peças.

Quando se é criança e tem pais mais velhos que a média, a noção de perenidade assombra muito cedo. É apreendida até no jeito com que as mãos enrugadas enchem as lancheiras da pré-escola e trançam os cabelos

Material com direitos autorais

— sempre tive figurinos e lanches do século passado. Tudo é cansaço. Mesmo a forma com a qual eles acompanham os passeios de bicicleta, arfando ao menor sinal de insistência. "Ainda é cedo, papai", reclamava eu, emburrada em cima das rodinhas flutuantes, com energia para exaurir o mundo. Nessa época, ele já ofegava só de falar.

Tínhamos um cachorrinho — Bigode — que cumpria a função de me acompanhar nas corredeiras invisíveis do parquinho, o que fazia com disposição de atleta, embora às vezes tropeçasse no próprio pelo. Antes de ser meu, contudo, Bigode tinha sido deles, e chegou a hora em que simplesmente desmontou, inerte, no jardim; abatido no meio da brincadeira. Ajoelhada sobre o corpo rígido do meu cachorro, cutuquei, cheirei e até gritei, levantando suas orelhas compridas, convencida de que os bichos também pregavam peças. Tenho comigo que tentar despertá-lo foi o gatilho da escolha de, mais tarde, me tornar veterinária: no fundo, eu só queria ganhar o poder de evitar aquilo. De prolongar os amigos.

Meu pai veio com uma toalha, enrolou o Bigode nela. Mamãe ficou responsável por acalmar meus soluços desesperados. "O que aconteceu com ele", eu quis saber. "Pra onde foi?"

Ele já estava velhinho, me explicaram.

Desde então, os meus pesadelos ganhavam uma nova protagonista: a mão invisível que tirava almas do mundo quando passavam do prazo. Passei a entender que os cabelos brancos que se acumulavam na barba de meu pai e as bolsas de rugas que sombreavam os olhos de piscina da mãe sinalizavam uma contagem regressiva. Gente também tinha data de validade. Eu não queria crescer, porque crescer significava que em breve eles teriam que partir. Vinculei aniversários às despedidas.

Jurava que estava preparada, uma vida inteira, para a morte, só para descobrir que não estava pronta coisíssima nenhuma. Alguém está?

Resolvi, seguindo o conselho de minha amiga, "viver o luto". Permaneceria alguns dias na cidadezinha de pedra. Estava decidida a não voltar para o Rio, talvez arranjasse um emprego em Brasília, a aventura

Material com direitos autorais

estava encerrada. Minha vida era basicamente esperar. Sentar-me no banquinho de madeira da porta, com acessos de choro constantes — eu que sempre tive vergonha desse comportamento assim explícito, agora não segurava a enchente de emoções conflitantes, explodindo bochecha abaixo. Chorava o tempo todo, assistindo ao desfile de pessoas com suas preocupações interioranas. Não tinha fome, nem sede. Voltava para dentro, olhava as estantes, os pertences dentro dos armários, sabendo que chegaria a hora em que eu teria que desmontar tudo, vender e distribuir. Levar ou guardar. Cheguei ao ponto de conversar com a escova de dentes pousada na pia e os chinelos debaixo da cama. Os objetos entendiam, eles pareciam sentir a falta também, não é mesmo? Fomos todos deixados para trás.

Quando não estava abraçando os lugares onde eles estiveram por último, passava um tempo enorme na casa da dona Luzia, logo ao lado. Ela morava sozinha — embora às vezes falasse sobre o filho, sargento do Exército, que não vinha nunca — e era praticamente a única costureira por ali, assim ganhava dinheiro: remendando a cidade inteira. Sua pequena sala, sem televisão ou estante, era um ateliê improvisado sitiado por araras e máquina de costura. Nunca havia espaço para sentar no sofá, soterrado por um Everest de tecidos e roupas incompletas. Além de ser boa com os rasgos alheios, a velhinha era uma excelente companhia. Ficava lá, pedalando a velha Singer com os oculinhos pousados na ponta do nariz, enquanto eu desfiava meu repertório incansável de perguntas.

Estava obcecada pelo homem estranho que supostamente era meu primo. A curiosidade de saber quem era aliviava a dor, então eu perseguia a solução para o enigma. Dona Luzia, contudo, pouco soube me dizer — achava difícil acessar suas próprias lembranças. Uma hora dizia que era um homem alto, na outra mudava de ideia, corrigia, falava que era só "troncudo". "Jovem, da sua idade. Não, mentira, talvez um pouquinho mais velho. Tinha barba, sim senhora. Ou talvez não. Não era da cidade. Disso eu tenho certeza."

Material com direitos autorais

image not available

João

"Tive que mandar o Pablo embora. Não teve jeito."

A voz do chefe, exausta, veio flutuando pelo corredor malcheiroso do canil. João estava curvado sobre o chão de uma das gaiolas, esfregando o chão com força. Se não fosse corretamente desinfetado, o local virava um chamariz de doenças. Apesar de ser limpo diariamente, contudo, elas sempre voltavam, as pestes que se irradiavam fácil. Bactérias malditas, resistiam aos produtos que, de tão fortes, corroíam a beirada das unhas. Haveria uma feirinha de adoção dos animais sadios no dia seguinte. Era preciso conservá-los intactos, até lá, pelo menos. Limpos.

"Aquele imprestável", continuou o Adamastor.

João nem levantou a cabeça. Sabia o que aquilo significava.

Pablo era o infeliz que dividia o turno com ele. Começara a adoecer, culpava o ambiente insalubre, dizia que processaria o Estado. "O trabalho deles", explicava, bebendo café como se fosse água, "deveria ser feito por servidores capacitados, e não por escravos terceirizados." João ficava calado, mascando a própria saliva, o pensamento distante e incapaz. Não queria dizer para aquele imbecil que necessitava do próprio emprego.

"Vou precisar que tu me ajude na campanha de vacinação neste fim de semana. E até eu encontrar outra pessoa para assumir o lugar dele", completou o chefe. Bingo. Seus favores sempre vinham assim pedidos

Material com direitos autorais

image not available

"Nem tanto."

Silêncio. Sashimi. "Traz mais shoyu, por favor?"

Apesar de a companhia ser agradável, João se sentia mal. Encurralado. Estava ficando velho. Pediu licença para ir ao banheiro, jogou água gelada na cara, encarou o próprio reflexo no espelho rachado. *Volta lá e seja macho*, exigiu para si mesmo. Sem saber o que significava isso.

"Eu não saio com ninguém há bastante tempo", confessou.

"Nem eu", admitiu Fernanda, parecendo aliviada. "É meio... maçante."

"Quase isso."

"Eu terminei um namoro longo há uns dois meses. Estou me recuperando. É por isso que não deve me temer, eu acho. Não quero colocar uma corda no seu pescoço, como a maioria das minhas amigas está fazendo com os caras."

Aos trinta e três anos, parecia que encaminhar um casamento era a missão do século. Sem muito que dizer, além dessa confissão tímida, a professora prosseguiu com o questionário.

"Você foi casado com a mãe do Adam?"

Esta pergunta, em especial, era um divisor de assuntos. Frequentemente, ele escolhia a resposta mentirosa, aceitável, que rendia sexo bom no fim da noite. Mas João ergueu os olhos para Fernanda, examinou seu cabelo loiro escovado com afinco, os brincos que imitavam pérolas mordiscando o lóbulo rosado, os cílios grossos sem rímel. Observou até os lábios, carnudos e totalmente beijáveis, livres de brilho. Não era do tipo que exagerava na maquiagem, tinha uma beleza em forma de luz, luz e água. Ela é legal e sincera. Não merece conversar com a máscara dele.

"Na verdade, fui casado com uma mulher antes dela. Que também era veterinária", ele respondeu. "Terminamos quando engravidei a mãe dele."

"Você traiu sua esposa."

Material com direitos autorais

image not available

Por qual motivo?"

"Ela não me pareceu nada louca. Na verdade, me ajudou bastante. E o motivo podia ser, sei lá, financeiro? Eles eram bem de vida."

Risinho de canto de boca. Estava lá, o escárnio.

"Não sei nem como dizer isso, mas... bem. Eles estavam incomodados, já. Seus pais."

"Como assim?"

"Digamos que a dona Luzia tem um probleminha. Nada sério. Ela rouba dos outros. A gente começou a perceber isso faz algum tempo, quando ela visitava os clientes e sumia uma coisinha aqui, uma coisinha ali. Como é uma boa costureira, e já está de idade, ninguém faz caso. Mas na condição de vizinha, acho que ela já estava dando nos nervos do Raul e da Nete. Eles vieram se queixar para mim, sabe. Então eu aconselhei: fecha a porta quando for dormir, ou quando for sair e demorar. Assim ela não entra. É mão-leve, a velha, mas tem bom coração. Só está doente."

"Do que o senhor está falando?"

"Da dona Luzia. A sua vizinha lá. Sugiro que a senhorita guarde suas coisas bem guardadas, senão ela pega."

A informação demorou a ser processada, mas, quando chegou ao hemisfério da compreensão, veio feito um soco no fundo da cabeça. Eu queria munição para abastecer meus argumentos, não um motivo para deixar a delegacia cabisbaixa e arrependida. Fiquei parada ali por alguns segundos, feito um peixe suspenso em aquário vazio. "Pois é, pois é", assentiu o delegado, com sua compaixão orgulhosa. "Veja você, que coisa. Posso te dar um cadeado de presente."

A única amiga feita na cidade aparentemente era cleptomaníaca e meus pais estavam mortos sem mistério. Praguejei baixinho enquanto voltava para casa. Não era difícil imaginar minha mãe, que se irritava com frequência com as pessoas (mas era gentil demais para confessar), procurando o auxílio de um policial por causa de uns objetos sumidos,

Material com direitos autorais

image not available

O ritmo vagaroso do sujeito, manobrando a cafeteira dos fundos, era de matar qualquer um de ansiedade.

"Não vou te enganar. O banco negou", avisou, justificando os rodeios e a falta de açúcar.

Os ombros largos de João, uma cordilheira de expectativas, murcharam ante a notícia.

"Por quê?"

"Porque você não tem renda suficiente para te darem cem mil, João, é por isso."

"Mas você sabe que eu preciso. Meu filho..."

"Eu sei. Porém os chefes não possuem o mesmo coração que eu tenho. Tente entender."

Coração. Um músculo sintetizado em constrangimentos. Como era triste, para o gerente-alegria da agência, ter que engolir em seco toda vez que o pai perfeito entrava no banco. Dia após dia, empréstimo após empréstimo, ele nunca se cansava de implorar.

Josué tinha filhos. Dois. Os moleques já eram adolescentes, mas moravam com a mãe, quase não os via. Só aniversários, natais, coisas assim de calendário que geram obrigações afetivas. Era um sujeito horroroso nos assuntos paternos. Certamente não faria tanto por um menino sem cérebro.

Josué, o gerente colorido, era na verdade um pouquinho cruel.

"Olha só, João, esse dinheiro para conseguir assim só vendendo um carro. Um apartamento. Não tem?"

"Você sabe que não. O divórcio acabou com tudo."

"Foi só uma sugestão."

"Obrigado."

Mas veja como era a vida. Aquele homem, bonitão e jovem, não tinha um puto. O gerente feio, a quem só restava ser engraçado, nadava em dinheiro. *Eu podia até te emprestar*, pensou, vendo o veterinário se arrastar para a agonia diária dos salários incompatíveis. *Mas a natureza já*

Material com direitos autorais

image not available

Cecília

Em outro contexto, em uma terceira vida, eu poderia ter me encantado por Osvaldo Gebrim, como uma mulher costuma se encantar por um homem charmoso e disponível. Ainda atraente, quase aos setenta anos, ele não deixava as rugas desmerecerem sua aparência imponente, ao contrário: faziam até pensar que viver tanto tempo valia a pena. Era uma pessoa que oferecia conforto ao sorrir, o oposto do que insinuava o título, de gente pomposa e exagerada. Talvez porque não se importasse nem um pouco em seguir o figurino caricato da medicina, no consultório que também fazia as vezes de lar.

Chinelos e bermuda. Veio me receber assim, abrindo a portinhola da cerca de meio metro. O mato invadia a pequena trilha de cimento, serpenteando por arbustos de plantas que cheiravam bem. Esta casa, um chalé de madeira moderno e arejado, era o eldorado no fim do caminho, na chácara que ficava a uns bons vinte minutos sacolejantes de carro. Distância que centenas de moradores — e não moradores, diga-se de passagem — percorriam em busca do talento de um clínico em fuga.

"Eu queria ser artista", justificou o médico, abrindo a mão para apresentar as pinturas emolduradas na sala, sombreando sofás caramelo com tapetes felpudos. Eu me espantei com a limpeza, o bom gosto, a facilidade com que permaneceria ali para sempre, se fosse convidada.

Ele tinha sido muito educado e prestativo ao falar comigo pelo telefone. A voz rouca e pausada logo se pôs a confirmar que sim, é claro

Material com direitos autorais

image not available

"Você não conhecia a minha mãe."

Ela era tão transparente, por outro lado, que qualquer um a conheceria em meia hora de conversa. Seus temores, sua fala desastrada, sua bondade ilimitada que desconhecia padrões.

Filha, eu não quero ficar sozinha. Eu odeio ficar sozinha.

Ela dizia isso, quando o pai saía para viajar e eu estava ocupada dando faxina no meu apartamento. Naquele tempo, eu vivia com meu marido em uma quadra onde a poeira flutuava no céu, se infiltrava nos quartos e envelopava os móveis. Ele me espreitava, sorrateiro, ao telefone. Reclamava de eu ter que sair para dormir com a minha mãe porque ela tinha pavor da solidão.

"Ela tinha pavor da solidão", ouvi-me confirmando.

Osvaldo se ofereceu para me abraçar, mas eu não quis.

Está na hora de ir embora, pensei, enquanto voltava para casa. Embora fosse dia e fizesse uns trinta graus lá fora, fechei todas as janelas quando cheguei. Queria o escuro. O conforto de não enxergar mais nada. Notei no ar um cheiro diferente, porém. O cheiro de outra presença.

"Cecília."

Era um homem, mais ou menos jovem, alto. Sentado no sofá, certamente apanhado de surpresa na minha afobação em me isolar, quase me matando de susto com sua liberdade. Eu quis gritar, mas só dei um passinho para trás, cauteloso. O medo congelou todas as minhas preocupações.

"Calma, calma. Meu nome é Caio", disse ele. "Você não vai acreditar, mas eu sou seu irmão."

Material com direitos autorais

image not available

Tirando as fotos do bolso — um acesso, uma ideia — localizou em sua triagem o anúncio: um rapaz procurava um dálmata. De ontem. Perdido havia um dia.

Correu desesperado atrás do cachorro, desviando dos obstáculos, da superlotação na pista de corrida. Quase foi atropelado por uma bicicleta. Não era uma miragem: localizou o animal bebendo água tranquilamente de uma poça no chão. Levou menos de dois minutos para agarrá-lo, usando uma técnica de imobilização própria para não ser mordido. O bicho, contudo, era dócil. Dócil até demais.

"Te peguei, danadinho. Tá na hora de voltar para casa", sussurrou, vitorioso, erguendo a criatura pesada.

Levou uma lambida na cara e teve a visão subitamente bloqueada.

"O que você tá fazendo com meu cachorro, cara?"

Um homem de sunga e viseira olhava para ele com fúria.

João se apressou com as desculpas. Disse que se enganou. "O seu é a cara do meu", essas coisas. "Foi mal."

"Tranquilo", respondeu o sujeito, desenrolando a coleira da bolsa.

O veterinário chegou em casa moído e fracassado, como sempre.

"Fiz lasanha", anunciou a dona Faustina.

"Obrigado. Vou tomar um banho", resmungou. "A senhora pode ir."

Passou para dar um beijo em Adam. No corredor, rumo ao banheiro, teve um acesso de riso. *Eu quase roubei a porra de um cachorro*, pensou. *Eu quase roubei um cachorro*, pensou de novo.

Material com direitos autorais

image not available

Estou muito doente e devo morrer em breve. É um fato. Talvez eu já esteja morto quando esta carta chegar em suas mãos. Não estou com medo, mas tive para mim que partir sem te dar um pouco de alento seria um bocado indigno da minha parte. Sei que pagarei pelos meus pecados do lado de lá e não temo o castigo divino. Mas quero fazer algo, enquanto ainda posso. Queria te conhecer.

O telefone do meu advogado está anexo a esta carta. Fale com ele, por favor. Peço também que se dirija, o mais rápido que conseguir, ao município de Pirenópolis. Tem um mapa dentro do envelope, com meu endereço assinalado. Você talvez possa conhecer a Cecília, sua irmã. Quem sabe vocês podem marcar de se encontrar um dia? Ela provavelmente se sentirá muito sozinha depois que eu partir, então seria bom se você aparecesse. Ela vai gostar de saber que tem um irmão. Ela sempre quis ter um irmão.

Com carinho,

Raul Martins.

Caio sorria, satisfeito, enquanto eu perdia meu chão.

"Do que ele morreu mesmo? Procurei saber aqui, mas todo mundo me falou que o casal teve parada cardíaca. Sinto muito pela sua mãe, aliás. Ela deve ter sido uma mulher muito boa."

"Ele estava doente", murmurei em resposta.

"Pois é. Fiquei pensando comigo, pra ele saber que vai morrer assim, ou ele ia dar um tiro na cabeça, ou devia tá doente mesmo."

Caio tagarelava, sem a menor sutileza.

"Então", pigarreou. Senti que o propósito da sua visita não tinha nada a ver comigo. "Você já ligou para esse advogado, para saber sobre o testamento?"

Minha cabeça voava longe de meandros jurídicos.

Eu pensava, ininterruptamente, *ele sabia que ia morrer. Ele calculou quando iria morrer, definhando devagarinho, o câncer se espalhando com autorização. Para sobreviver, não fez nenhuma aposta. Na carta, nenhuma menção à minha mãe, que deve ter cuidado dele, até o fim, até saber que não conseguiria restar. "Cecília se sentirá sozinha. Ela vai gostar de saber que tem um irmão."*

Material com direitos autorais

image not available

mesmo. Perguntei de casa em casa até que alguém reconheceu como sendo dos senhores."

João poderia ter sido ator, em outra vida. Era um exímio mentiroso.

"Ai! Eu preciso recompensá-lo! Por favor, me fale uma quantia", ela murmurou, de olhos arregalados.

"Imagina..."

"Não, faço questão. Só dizer um valor. Vou pegar a minha bolsa."

Eu pago o que for preciso para fazer aquele moleque calar a boca, Camila pensava.

Na saída, com um cheque a tiracolo preenchido e assinado com uma senhora quantia, João acenou para o porteiro. Manoel, era o nome dele. Discretamente, passou ao sujeito uma nota de cinquenta.

"Valeu, parceiro", murmurou.

O velho nem respondeu, só abriu o portão. Não estava lá, não tinha feito nada, não o conhecia. *Nesse Brasil, todo mundo é corrupto*, pensou João. Roubar cachorro não era nada.

Pelo menos devolveria depois.

Material com direitos autorais

image not available

"É o meu meio-irmão. Longa história."

Por que diabos eu estava me sentindo tão desconfortável perto daquela velhinha? *Ela só quer te ajudar, Cecília. É uma pobre coitada, ainda por cima doente, e você age como se estivesse escondendo uma bomba de rancor*, martirizava-me.

"Ele parece com o outro", ela avisou, tremelicando as mãos daquele jeito que eu já tinha sacado como uma mania. "O que sua mãe disse que era sobrinho dela."

A bomba estourou em silêncio. Um pouco histérica e cansada, tentei ser racional.

"Parece ou é ele, dona Luzia?"

"Minhas vistas são ruins pra te dizer certinho, mas parece muito."

A voz do delegado flutuou no meu ombro esquerdo: "Se eu fosse você não ouvia a velha, ela é louca". No meu ombro direito, a paranoia.

"O que te lembrou dele?"

"O outro também era assim, alto. E moreno. Parece com meu filho."

"Bom, acho que não são a mesma pessoa, não. O Caio só chegou na cidade ontem. Na realidade, só chegou na minha vida ontem. Mas obrigada por avisar. Um dia descubro quem é esse homem misterioso que a senhora viu."

"Toma cuidado, minha filha."

Só de raiva, bati a porta com força ao sair para a rua. Entenda, eu nunca quis que as suspeitas me embrulhassem o estômago. Eu só queria gostar de Caio — porque meu pai estava certo, sempre quis um irmão —, apreciar uma tarde com ele, na cachoeira. Só queria trancar a porta, botar o lote à venda, sair dali o mais rápido possível e enterrar meus pais de vez. Não queria escutar a voz da vizinha, plantando veneno. Talvez seja ingenuidade, não sei, essa minha propensão aos sinais estranhos, enviesados, a vida não é perfeita, não é tecido imaculado. Eu desconfio. Sempre fui assim, desde que era criança e percebi que o perigo é mais

Material com direitos autorais

image not available

ilícito e sujo. Precisava falar com alguém que entendesse de coisas ilícitas e sujas. Que o aliviasse da culpa.

Com os olhos estreitados, Ivan o ouvia, mas nunca dizia o que realmente pensava, porque suas ideias eram transparentes feito vidro — e não interessavam, na verdade. Ele achava que viajar para o outro lado do mundo não era a solução, não havia solução. Achava que João era cabeça-dura, que estava obcecado e que a China, o suposto tratamento milagroso, era só uma desculpa para não ter que se acostumar com a ideia de ser pai-babá por uma vida inteira.

Só achava, não deixava de ter razão, e João não o adorava menos por isso.

"É complicado."

"É ilegal?"

"Não estou bem certo disso."

Ivan, que às vezes vendia maconha nas festinhas da Universidade de Brasília, era todo ouvidos, à prova de choques emocionais. Uma ruga de preocupação, contudo, atravessava o rosto gordo de forma quase imperceptível. É que gostava demais de João para vê-lo se ferrar. Amava aquele sujeito, mas nunca diria "uma coisa gay dessas" em voz alta.

"Digamos que eu estou sequestrando cachorros."

"Oi?"

"É. Só de gente rica, que fique claro. Às vezes descolo ajuda dos empregados, às vezes só pego na calçada mesmo."

Primeiro, o esgar de incompreensão. Depois, o divertimento.

A gargalhada que Ivan soltou quando a história foi esclarecida chamou atenção do bar inteiro. João se sentiu constrangido, enraivecido pela falta de consideração.

"Você tem que me desculpar, mas isso é bizarro!", o amigo soluçou, entre uma risada ou outra.

"É bizarro, mas está me dando dinheiro. Já faturei cinco pilas nessa brincadeira. O povo paga, Ivan."

Material com direitos autorais

image not available

crânio, forçando minha cabeça água abaixo, meu corpo boiando à revelia, afogada. O medo parecia real como sempre.

Mas ele não insistiu. Tirou a camiseta e se atirou ao poço com a destreza de um animal aquático. Seu corpo era esguio e a pele quase curtida. Percebi que tinha cicatrizes nos ombros e em quase toda a extensão das costas. Riscos e furos, marcas de uma existência atribulada. De alguma forma, aquilo fez com que eu me retraísse ainda mais, abraçando meus joelhos pálidos. Meus joelhos sem máculas.

Quando deixou a água, esbravejando maravilhas sobre ter a alma lavada, Caio veio se sentar ao meu lado. Senti sua pele emanando frieza perto da minha, que já queimava no sol fraco.

"Por que você tem tantas cicatrizes?", tive que perguntar, afinal.

Ele me parecia diferente, ali encharcado e sereno no meio da natureza. Mais *verdadeiro*. Ou talvez estivesse apenas calmo, como eu não estava.

"Apanhei muito nessa vida."

"De quem?"

"Digamos que minha mãe teve muitos namorados que não gostavam de mim. E que ser gay no meio de um bando de pescadores é bem ousado."

O rosto dele não expressava tristeza, mas eu a senti em ondas. Um farfalhar de constrangimento, relegado só à categoria dos sentimentos "feios". Como alguém que parecia disposto a driblar qualquer forma de desconforto, ele logo mudou de assunto. Perguntou se eu havia ligado para o advogado, se já sabiam que ele estava em Goiás.

"Não liguei ainda"

"Por quê? Cecília, você não está interessada em resolver logo isso?"

Olhei para seu rosto irritado. Para os olhos apertados e escuros, que não piscavam com a frequência que se espera. *É claro que você estava interessado nisso*.

"Para você é tudo muito conveniente, não é mesmo?"

"Como assim?"

Material com direitos autorais

image not available

"Tanto faz. A questão é: você quer ou não quer levar o seu moleque pra China? Quer ou não quer ganhar mais dinheiro? A gente vai ficar rico muito mais rápido, João. Chega de aguentar chororô, mimimi de recompensa. Abraço, agora, só de peituda."

João revirou os olhos, ao terminar de lavar o canil. Ivan não compreendia, não esperava que compreendesse.

"Você não entende, se eu for revender vai ficar ainda mais fácil me pegar. Vou ter que botar na internet, tornar público."

"Não se você vender fora daqui. Tenho uns compadres em Luziânia. No Entorno, Joãozinho, tá cheio de gente querendo cachorrinho de raça. A gente pode até colocar pra trepar, reproduzir..."

"Foda-se, Ivan. Não vou fazer isso, já disse."

"Tem certeza?"

Material com direitos autorais

image not available

por lá. Só havia um motivo para alguém ter demorado tanto: ou se espera que morra sozinho, ou dê um empurrãozinho.

"Vamos embora amanhã para Brasília. Ele quer ver o advogado. Está louco para pegar a grana. É só nisso que pensa. É por isso que ele matou meu pai e minha mãe. Ele precisava do dinheiro. Mo-ti-va-ção", tentei convencer Mariana, bêbada. "Acho que ele veio para cá muito antes. Estava aqui. Depois que os matou, foi embora, fingiu que nunca tinha pisado aqui. Por isso meu pai não escreveu uma cartinha para mim. Entende? Eu sei que ele se despediria de mim. E ainda tem a minha mãe. Não caio nessa de ela morrer de dor. Não. Os dois foram mortos por ele."

"Vai dormir, Cecília."

"Você não acha que eu tenho razão? Sabia que existem formas de matar alguém e fazer parecer natural? Cloreto de potássio, deixa eu te contar. Injetado na veia bem rápido. A pessoa morre de parada cardíaca. Sabe como eu sei?"

A explicação tinha me ocorrido imediatamente após a visita ao doutor Osvaldo, quando a ideia me pareceu óbvia. Clara como a luz do dia. Como é que eu não tinha pensado nisso desde o princípio? Logo eu.

De volta para casa, encarar Caio era um ato que exigia discrição e teatro, duas das coisas que nunca foram meu forte. Por mais desconfiada, eu precisava ser generosa. Suave. Não dar na pinta, como dizem os cariocas. De olhos arregalados, topei jantar em um restaurante surrealista para turistas endinheirados, prontos a pagar uma fortuna por um risoto (eu paguei a conta, mas ele nem terminou as bebidas. Saí mais cedo, de fininho, para partilhar com alguém a minha genialidade precoce).

No excesso de ansiedade com a narrativa do crime perfeito, tropecei, ralei os joelhos. Mariana continuava na linha.

"Estou com medo", sussurrei, massageando o ferimento, sentada no degrau da entrada de uma casa. "Do que ele vai fazer comigo."

Material com direitos autorais